



## **Cultura Política e Cultura das Mulheres**

(Sinais para o próximo milénio)

Bristol, 5 de Setembro de 1991

Como nos atrevemos a falar de sinais para o próximo milénio?

Podemos, ao menos, tentar ver sinais para os próximos anos, para os próximos meses?

Podemos pedir orientações claras nestes tempos conturbados?

Podemos tentar ver alguns sinais a brilhar num período em que tudo parece ser absorvido num buraco negro histórico?

- E, todavia, temos de falar/ver/questionar/esperar/procurar

Porque: é nas profundezas desse buraco negro que se renovam energias e novas forças podem emergir;

é em épocas de incerteza e turbulência que se manifesta a complexidade; os sistemas reorganizam-se e novos padrões podem emergir.

## Fundação Cuidar o Futuro

Os acontecimentos dos últimos meses e semanas abalaram o quadro mundial tal como a maior parte de nós o conhecemos.

No âmago de tudo, encontramos uma esmagadora e estonteante complexidade. Descobrimos a existência de diferentes sistemas autónomos e todavia interdependentes. A pura lógica do simples mecanismo de causa/efeito está totalmente ultrapassada.

Os marcantes acontecimentos na União Soviética são uma exacta ilustração dos diferentes sistemas e processos em presença.

a) O colapso do comunismo enquanto regime político é um desses sistemas;

b) Mas igualmente importante é a quebra do último Império Europeu;

c) Juntamente com esses dois sistemas, o processo de crescente subdesenvolvimento económico e de deterioração social é de primeira importância;



Claro que uma análise mais profunda traria à luz outros sistemas existentes, como por exemplo o sistema étnico e linguístico que permite a coesão social entre grupos que de outra forma seriam dispersos. Ou, a outro nível, a dimensão religiosa individual e de grupos que possibilita ilhas de esperança.

Esta interdependência de diferentes sistemas surge bem marcada com a União Soviética.

Mas é uma condição geral do nosso mundo contemporâneo. Mesmo na situação mais remota e aparentemente mais homogênea, há diferentes sistemas, cada um com a sua própria lógica, cada um requerendo um novo tipo de análise, cada um contribuindo à sua maneira para a criação da cultura política.

O governo do mundo (bem como o governo "tout court" relativamente a qualquer entidade social e política) é uma preocupação fundamental do pensamento político contemporâneo. Não podemos enganar-nos: a cultura política tradicional acabou.

Precisamos de novos instrumentos de percepção dos mecanismos políticos de qualquer sociedade.

Precisamos de novas categorias mentais para estabelecer laços entre os actores e as questões da vida política.

Fundação Cuidar o Futuro

Precisamos de uma imaginação renovada para tomar as decisões que a novidade dos tempos em que vivemos exige.

A cultura política está em busca de novos paradigmas.

A tão exigida luta para a participação das mulheres na vida política é relevante na medida em que leva consigo a possibilidade de emergência de novos paradigmas.

No final desta conferência, a qual foi orientada pelo desejo de encontrar "novas orientações teológicas" que "libertem as mulheres", e onde tantas ideias e experiências foram expostas e partilhadas, estamos aparentemente a estreitar as nossas preocupações, concentrando-as na cultura política. Espero que não seja o caso. A cena política é, de facto, uma metáfora viva (e inexplicável) do que se passa a nível mundial em muitos outros domínios. Pode mesmo ser considerada uma metáfora do mundo na sua contingência histórica ... (digo frequentemente aos jornalistas que a diferença que existe entre a cena política e os outros domínios é que o que é político é sempre público e visível. Aí reside a única diferença!)



É minha convicção profunda de que só agora as mulheres começam a estar prontas para tomarem a sua própria cultura e ajudar a moldar a tão necessária cultura política.

Se a sua (nossa) cultura estiver profundamente alicerçada na realidade contemporânea, elas intervirão de uma forma original na construção da cultura política.

O quadro político do mundo de hoje parece exigir precisamente as perspectivas, visão e atitudes que a cultura feminina carrega consigo.

Além disso, se a cultura política está em busca de novos eixos, também a cultura feminina está. Fomos dois sistemas abertos. O período de gestação de uma nova cultura política constitui uma rara oportunidade não apenas para a contribuição feminina mas também para a cultura feminina encontrar mais claramente (e também mais realisticamente) os seus próprios alicerces e expressões.

\*  
\* \* \*

Concentrar-me-ei em três principais capítulos:

- 1) Algumas questões-chave da cultura política de hoje;
- 2) As diferentes abordagens às mulheres na política;
- 3) O interface entre a cultura política e a cultura feminina.

Vou então debruçar-me sobre alguns dos ingredientes do futuro político mundial.

1.1 Se não tivessem havido outras provas, a CNN ter-nos-ia convencido sobre a globalização de todas as questões, sobre a interdependência de todos os acontecimentos.

Claro que já sentimos durante os últimos 20 anos (desde que o dólar se tornou a moeda mundial) a interdependência económica. Aqueles de entre nós que tiveram de lidar com as instituições financeiras internacionais (FMI, Banco Mundial) tomaram quase dramaticamente consciência da cintura com que o sistema internacional estreita a maior parte dos países e as suas populações. Evidentemente, a interdependência estava igualmente presente durante o período da Guerra Fria, em que cada país se encontrava preso na zona de influência de uma das duas superpotências. O que mudou desde então?



Hoje, a interdependência é sentida a todos os níveis da cena mundial. E contudo não é clara a forma como tal interdependência pode ser gerida. O caso da Jugoslávia é um exemplo flagrante: CEE? CSCE (?)? O Conselho de Segurança? Quem mais?

..... questões, pode facilmente tornar-se um mundo de domínio de um poder único. No campo militar e da segurança a situação é clara: passámos de um mundo bi-polar para um mundo uni-polar.

É imperativa a tarefa de redefinir as condições de organização de um mundo multipolar. É por esta razão que o processo de globalização exige "novos instrumentos, uma nova definição dos interesses mundiais e nacionais, novas formas de liderança política". (Alguns passos estão já dados no sentido de se realizar uma Conferência sobre Segurança e Cooperação em África - o continente esquecido. E alguns expressaram já o desejo de implementar o mesmo tipo de instituição para a região mediterrânica).

A interdependência de todas as entidades políticas ( e a globalização de todas as questões) abala o fundamento da ideia de soberania, tal como esta se desenvolveu nos tempos modernos.

Da lei da não interferência passámos, nos últimos anos (com a Etiópia, o Sudão e os Curdos), para o direito de assistência humanitária.

Da lei das fronteiras intocáveis parece estarmos a passar para novas entidades políticas com novos tipos de relações entre elas.

Há alguns meses atrás, no quadro da Comunidade Europeia, ainda era possível falar de soberania delegada e de soberania alargada, na medida em que cada país teria uma responsabilidade acrescida. Mas a reviravolta na região balcânica e na União Soviética colocou em causa a noção de Nação/Estado que aplicávamos a países que não eram estados ou a entidades que se encontravam ainda num processo de formação enquanto nações.

O que significa que o fundamento da cultura política - soberania/cidadania - se encontra habilitado a uma redefinição e reestruturação.

As velhas classificações já não são adequadas. Novos formalismos têm de emergir. São necessários novos conceitos.

Por este motivo, podemos reconhecer a necessidade de uma nova ordem mundial. Mas decididamente não relacionada com a Guerra do Golfo, como fez o Presidente Bush, no princípio e no fim dessa guerra! Antes, uma nova ordem



mundial assente na globalização das questões e acontecimentos, mas conectada, em toda a linha, com os direitos dos indivíduos e dos povos e à sua solidariedade.

## 1.2 A economia de mercado como ideologia

A nova ordem mundial que parece tomar forma não está isenta de ideologias como alguns parecem crer. Uma ideologia global está a impôr-se: a ideologia do mercado.

A economia de mercado é vista como uma solução global para todos os problemas governamentais que o mundo enfrenta.

Claro que o colapso das economias centralizadas deixou-nos apenas com um instrumento: a economia de mercado. Não há dúvida que os países europeus de leste e da Europa Central vêem o mercado como o caminho para uma melhor qualidade de vida.

Contudo, a globalização do sistema de mercado colocou sob os holofotes as suas deficiências:

- O mercado "livre" não é verdadeiramente livre a nível mundial, já que a maioria dos países entram para o comércio internacional sob as pesadas e inoportáveis condições impostas pelos países ricos através das suas medidas proteccionistas;

- O crédito financeiro internacional funciona de tal forma que muitos países estão a pagar mais que a quantidade de riqueza que produzem anualmente;

- Com o desaparecimento das fronteiras para os novos exércitos que são as empresas transnacionais, os investimentos directos estão a aumentar a uma taxa de ... (27% no último ano), metade dos quais são investidos nos EUA e 20% são investidos no Sul, num conjunto de 10 países;

- O fluxo de capital não se movimenta no sentido Norte/Sul, para ajudar o desenvolvimento do Sul, mas no sentido inverso - nos últimos 8 anos mais de 300 biliões de dólares vieram da América Latina ...

O que leva à situação existente: uma desordem internacional organizada. Dá a impressão que funciona porque as instituições proliferam e mantêm a prossecução dos seus rituais.



Mas de facto está é a criar um desequilíbrio maciço e a marginalizar a grande maioria da humanidade. A ideologia subjacente assenta na aceitação da exclusão como um princípio social e político legítimo. Assim, é assumida a filosofia da desigualdade entre seres humanos.

Isto não é uma acidente histórico. Desde os anos 80 que os países da OCDE desenvolveram o conceito de ajustamento estrutural como a base de fortalecimento das nossas economias.

Define-se a si mesmo como o "conjunto de transformações necessárias para permitir o funcionamento equilibrado da economia".

O que significa isto? Que tudo na sociedade se dirige para a manutenção da saúde da economia.

Significa que um conceito puramente económico substituiu as ideias circundantes de "mudança social" ou de "projecto da sociedade".

Mas a economia de mercado não vê tudo aquilo que não pode ser traduzido em dinheiro. Assim, o mercado é "cego":

- não vê a pobreza e a fraqueza;
- não vê o ambiente;
- não vê o espiritual.

O seu paradigma fundamental é o poder da força, a supremacia do vencedor. (A arrogância do Ocidente em relação à Europa de Leste, (quando) nenhum economista ocidental tem qualquer solução! [Geoffrey Sacks]).

Não espanta assim que a economia internacional esteja neste estado de injustiça institucionalizada. Enquanto as economias da tríade (Comunidade Europeia, Japão, EUA) se reforçam mutuamente, as economias do hemisférios sul - África, América Latina e Ásia do Sul - estão a morrer e a entrar num período de quase invisibilidade, os continentes e a quase maioria da humanidade a afundar-se na marginalidade e na privação.

Por este motivo é que, gradualmente e sem qualquer cálculo político, começaram a emergir no Sul mais estratégias de sobrevivência. Essas estratégias estão já aplicadas a problemas visíveis:

- na tentativa de deslocar massas de população do Sul para o Norte, assim partilhando da riqueza deste;



- no espantoso crescimento demográfico do Sul - enquanto na Comunidade Europeia a população aumenta 0,3% até 2000, os países árabes do Norte de África terão um aumento demográfico de entre 47% a 67% ...);

- na produção e nas pequenas organizações de tráfico de narcóticos das favelas do Brasil, dos campos da Colômbia e do Perú, ...).

### 1.3. Democracia em causa

A democracia não se mantém incólume neste panorama.

É verdade que os países ocidentais conseguiram impôr um novo e positivo condicionalismo a todos os outros países:

- o estabelecimento do Estado de Direito;
- o multipartidarismo e as eleições livres;
- o respeito pelos direitos humanos como uma garantia moral fundamental de legitimidade de todo o poder constituído.

Contudo, simultaneamente, verificamos o crescente desconforto com as formas de democracia estabelecidas no hemisfério norte.

A existência de uma classe política exclui da decisão política a maioria dos cidadãos:

- quem decidiu a Guerra do Golfo?
- quem decidiu a independência dos estados do Báltico?
- quem decidiu as condições da Jugoslávia?

etc., etc.

Nos anos 70, uma "classe política profissional" era ainda objecto de um debate; hoje é vista com distância e desprezo. (Num recente programa francês, após um óptimo desempenho do Secretário de Estado para as questões humanitárias, este foi considerado por mais de 60% como competente, e a sua acção foi considerada necessária; no entanto, à questão "terá ele um futuro político?" apenas 85% disse "Não"!!)

O facto de as campanhas eleitorais mais e mais se esvaziarem das verdadeiras questões e de muito poucos países terem um sistema bem organizado de responsabilidade democrática, põe em causa este tipo de representação.



Por um lado, ainda usamos as instituições e tradições democráticas contemporâneas dos primórdios da industrialização:

- quando o fenómeno da urbanização maciça ainda não tinha surgido;
- quando a esperança de vida era muito menor e supunha-se que cada um se dedicasse à mesma actividade durante toda a sua vida;
- quando as mulheres não existiam como cidadãs.

Por outro lado, estamos hoje na era da comunicação. Os meios de comunicação social introduziram nas relações sociais factores totalmente novos. Eles estabeleceram na relação entre os cidadãos e os agentes eleitos uma nova mediação cujas regras transformam essa mesma relação.

A democracia também está em jogo a um nível mundial. Poderá haver algum "namoro" às Nações Unidas. Mas quem são aqueles que estão a decidir neste momento sobre o futuro da Europa, sobre o futuro da União Soviética? O G-7, que tem o mesmo estatuto que os "países mais industrializados"!

#### 1.4. O ambiente como um novo interveniente social

As deficiências do governo mundial, assim como a urgência de algum tipo de corpo de decisão ou de leis internacionais vinculativas, tornaram-se bem evidentes com as questões relacionadas com o ambiente.

O Relatório Bruntland, a Cimeira de Toronto, a Conferência de Haia, a Conferência Internacional do Clima, e muitos outros acontecimentos mundiais, foram sucessivos passos dados no sentido da tomada de medidas necessárias à prevenção do aquecimento do clima e do esgotamento da camada do ozono, e que essencialmente visavam tornar habitável a Terra e preservar a harmonia e beleza de todos os sistemas vitais.

Mais nitidamente que qualquer outro factor, o ambiente surgiu como um interveniente social a um nível mundial.

Com o crescimento da industrialização, a natureza entrou para a história. A exploração dos recursos naturais com vista a alimentar as primeiras fases do processo de industrialização, a desordem criada na natureza pela enorme sedentarização provocada pela urbanização acelerada - estes são apenas os dois mais flagrantes elementos do encontro entre a natureza e a história.



Já não são ignoradas as suas consequências. Pela primeira vez, a história - evolução política, desenvolvimento económico e social, relações internacionais - tem de ter em conta a natureza.

Claro que estou a falar dum novo interveniente cuja rebelião constitui a defesa da nossa própria sobrevivência.

Mas falo também do entrelaçamento entre a natureza e todos os outros processos: políticos, económicos e sociais. Refiro-me à orientação da ciência e da tecnologia.

É de novo a questão da alteração de paradigma: supunha-se que a ciência continha em si mesma a sua própria auto-correcção. Isto era a ilustração de um progresso interminável, do domínio do homem sobre todos os processos naturais.

Além disso, a ciência podia ser inocente e imparcial. Inocente porque não tinha aplicações imediatas, e imparcial porque foi concebida numa espécie de limbo político ...

Actualmente, toda a ciência traz consigo a tecnologia a que conduz. Hoje, a Física, a Biologia, demonstraram que têm um profundo significado político.

Fundação Cuidar o Futuro  
Entramos num novo tipo de civilização:

- uma civilização onde emerge um profundo sentido dos limites;  
Não o limite abrupto de um progresso linear interrompido por considerações éticas, mas o limite decorrente da interdependência dos sistemas e dos seres ou, como nos dizem os psicanalistas, decorrentes da lei interior de cada ser.
- uma civilização onde se alcança a raiz da vida;
- uma civilização onde a profundidade de significado é considerada.

## 2. As mulheres como intervenientes políticos

### 2.1. Para além da igualdade: a opção pela diferença

Então e a cultura feminina?

Não podemos menosprezar o facto de que a maioria das acções e decisões respeitantes às mulheres tomadas a nível nacional e internacional nos últimos 20



anos aceitaram a cultura política tal como esta era entendida: instituições/eleições/carreiras. O objectivo principal era a igualdade com os homens na gestão da vida política; desta forma por desafiar.

Não era apenas a aceitação das tradições, das diferenças estabelecidas, de todos os passos que levaram à injustiça e indiferença generalizadas face aos povos. Eram também as próprias regras da gestão política. A política é na prática um dos mais simplificados sistemas que se pode imaginar. Diferentes áreas da tomada de decisão política estão desconectadas, separadas, cada ministro lida com um único aspecto da vida como se os outros não existissem.

Naturalmente, era importante que as mulheres participassem em todos os níveis de poder político. Acabavam os territórios proibidos, começava o caminho para uma mais justa distribuição das funções sociais entre os diferentes grupos na sociedade.

Gradualmente, algumas mulheres começaram a perceber que a sua presença era relevante na medida em que marcava uma diferença.

A separação do pensamento político,  
a mistificação da acção política,  
a aceitação das injustiças e da exclusão sob o disfarce do pragmatismo distorcido,  
a submissão da política à economia,  
a retórica pomposa da classe política,  
as ligações dúbias com os meios de comunicação social (tão bem ilustrado na série televisiva "Sim, Sr. Ministro"),  
a crescente disparidade entre os ricos e por isso autoproclamados e poderosos,  
a parafernália que envolve as funções políticas,

- são tudo marcas que nada têm em comum com a cultura feminina, mesmo quando são as mulheres as suas promotoras.

As regras do funcionamento interno das instituições políticas, com os seus dogmas, códigos e liturgias, são o resultado de um único padrão, que traz a marca do masculino.

Sempre que as mulheres aceitam este tipo de cultura política, estão a reforçar o *status quo*, a dar um alibi a todos quantos querem que as mulheres estejam presentes em todo o lado com uma condição: que as coisas possam continuar como estão!



Para mais, a experiência demonstrou que muito frequentemente, para poderem funcionar em termos de igualdade com os homens, as mulheres são forçadas a assimilar os valores culturais e os códigos de comportamento masculino que dominam o espaço público.

O acesso ao poder político é frequentemente obtido à custa do silenciamento por parte das mulheres das suas próprias atitudes e maneiras de ser, pensar e fazer, da sua própria cultura.

Aqueles que advogam pela diferença denunciam os efeitos perversos de uma igualdade que reduz a final a contribuição feminina na campo político.

... é da maior importância nesta conjuntura. Novos ingredientes, novas abordagens, novos sistemas de pensar são necessários, dizemos. A cultura feminina possibilita já novos ingredientes e abordagens. Está provavelmente a caminho de fornecer novos sistemas de pensar.

Acima de tudo a diferença expressa-se na ligação entre os problemas, as pessoas, os sectores de tomada de decisão. As mulheres connexionam e connexionam, e porque connexionam, elas inventam.

Como demonstra Judith Schlanger, ao escrever sobre "inovação e história da ciência", uma diferente moldura intelectual é ainda consentânea com o espaço racional.

"Há uma pluralidade de molduras", diz ela, "todas adequadas mas parciais e provavelmente temporárias, de tal forma que se pode passar de uma para outra e inventar uma nova".

Mais ainda, como escreve noutra lugar, o nascimento de um novo pensamento depende do estado da arte num determinado campo. No reino da cultura política podemos dizer que a situação de complexidade é uma condição propícia para a capacidade de conexão da cultura feminina atingir o seu máximo de realização.

O sentido de conexão baseia-se no exercício do poder político, que tem o ser humano no seu centro. Vê a pessoa humana como um todo. Daí que todas as medidas políticas se centrem nessa totalidade.

(Ao contrário da política tradicional, que vê nas pessoas:

- em tempo de eleições: o eleitorado;
- nos jornais: a opinião pública;



- nos discursos oficiais: os cidadãos ...).

. Relaciona problemas e descobre as dificuldades, o centro do problema com que se tem de lidar. Não perde portanto tempo, realiza tudo o que pode.

. Relaciona mecanismos: funcionando de uma forma intersectorial.

. Ultrapassa a distância entre diferentes matérias, porque tantas são necessárias para resolver problemas ...

### **(Falta a página 29 do manuscrito)**

#### 1. (As Mulheres e a Nova Ordem Mundial)

No alvorecer do século XXI, o movimento das mulheres continua a ser o mais internacional de todos os movimentos sociais. Disse "continua", mas não deveria ter dito "pode tornar-se"?

A cultura feminina pode prestar uma contribuição inestimável:

- para ajudar o mundo a falar para além da região, da nação, do grupo étnico de cada um;
- para dar espaço a um "nós" que engloba uma pluralidade de situações, convicções, atitudes;
- para estabelecer o carácter transnacional de todas as iniciativas como a melhor forma de expressar a interdependência do mundo de hoje.

É importante, vital para o mundo, nesta época de tão forte interdependência, denunciar a falácia do ultrapassado conceito de "inimigo" - e portanto elaborar novos conceitos de defesa e segurança.

Claro que as mulheres se manifestarão contra a guerra, como, dos dois lados, as mulheres na Jugoslávia. Mas aproveitemos o momento para defender e estabelecer o racional e, se possível, para decidir quais os sistemas e "armas" em tempo de paz.

A cultura feminina da preocupação e da conexão é necessária para estabelecer pontes entre grupos étnicos, para acelerar a formação das nações, para relativizar a importância do Estado tal como este evoluiu na Europa nos últimos 200 anos.



## 2. (Mercado)

Podemos também esperar que a cultura feminina corrija os excessos da ideologia de mercado:

- introduzindo os mecanismos regulatórios e redistributivos necessários, mesmo havendo uma tendência actual para diminuir a intervenção estatal;
- encarando o mundo da economia com imaginação e nunca, nunca permitindo que a economia seja o factor orientador da vida política, uma vez que todos os processos de desenvolvimento económico existem não como um fim em si mesmos, mas ao serviço do ser humano.

Podemos mesmo esperar que a cultura feminina re-orienta a economia de mercado, forçando a economia a reconhecer, dentro da sua própria lógica, os valores da qualidade de vida, da flexibilidade nos padrões de trabalho, da mobilidade das pessoas consoante as suas necessidades e desejos ... (OCDE)

As mulheres constituem o mais poderoso agente de consumo.

Elas podem reagir ao efeito perverso da publicidade (que cria pessoas passivas que inconscientemente obedecem às sugestões dadas) tornando-se agentes lúcidos de consumo. Assim, elas podem desempenhar uma função económica, capaz de regular o modelo dominante de "sempre mais" (IAC - Fukuda).

(Podemos fazer uma coisa. Como mulheres não podemos continuar a fingir que não podemos fazer nada sobre a desordem económica dominante. Há anos, quatro décadas já, que as Nações Unidas têm solicitado nas "Estratégias Internacionais para o Desenvolvimento", que os países ricos dêem 1% do seu PNB para o desenvolvimento/ajuda (McNamara). Até agora apenas a Holanda e a Suécia o fizeram. A minha proposta é: não chegou já a hora da Comunidade Internacional impôr uma condição aos países ricos? E se todos eles tivessem de contribuir com 1% para o desenvolvimento para assim poderem votar nas Nações Unidas?)

## 3. (Democracia)

A cultura feminina tem também de socorrer-se da sua própria experiência na partilha da responsabilidade e do poder.



As mulheres experienciam que há muitas mais instâncias de poder que as oferecidas pelas instituições políticas. Tornando tais situações mais visíveis, as mulheres ajudam a restituir poder a todos na sociedade. Elas dão de facto poder a outros, principalmente àqueles cuja voz não é ouvida.

As múltiplas tarefas das mulheres, a forma como a sua cultura assimilou tais tarefas, não se expressa apenas na responsabilidade, como componente política, mas também ajuda a realidade socio-política a organizar-se à volta de novos temas e com a participação de novos intervenientes.

A escola, os serviços médicos e o hospital, os serviços públicos de todos os tipos, os meios de comunicação social - dizem respeito a todos os cidadãos de uma forma maior em todas as fases das suas vidas. Por isso os parceiros sociais não podem mais restringir-se ao binómio patrões/sindicatos herdado da era da industrialização.

As grandes instituições, que são um pilar da sociedade, têm o mérito de reunir à volta de uma mesa todos os parceiros sociais cujas vidas ou trabalho estão directamente ligados com elas.

A cultura feminina não pode aceitar como um compromisso definitivo a disciplina do partido.

## Fundação Cuidar o Futuro

As mulheres que estão na política têm de introduzir o primado da autonomia da decisão e conseqüentemente das maiorias não segundo as linhas do partido mas de acordo com ideias e valores próprios.

#### 4. (Ambiente)

A cultura feminina pode reforçar na cultura política o todo-poderoso valor do primado da vida.

A relação da mulher com a natureza, que impediu por tanto tempo a expressão da cultura feminina, pode ser retomada por esta mesma cultura e transformada de um handicap num bem. (O facto de muitos grupos de mulheres estarem envolvidos na Conferência para o Ambiente e para o Desenvolvimento no Rio de Janeiro em 1992, é um sinal).

Para mais, a influência da cultura feminina pode ser decisiva em alguns aspectos concretos.



As mulheres são os principais agentes de um desenvolvimento sustentado já que são os pilares e as inspiradoras de novos estilos de vida, pondo em evidência as consequências concretas da conservação de energia, e são fonte de novos modelos culturais de consumo.

A presença de muitas mulheres no mundo científico e tecnológico pode levar a uma maior transparência na percepção do significado das opções científicas e tecnológicas.

Elas podem e têm de colocar as questões:

- as reais necessidades humanas são satisfeitas por este tipo de conhecimento, por esta tecnologia?
- e esta tecnologia corresponde a válidos valores humanos?

#### Observações conclusivas

Os anos, os meses que se seguem, são decisivos. O que disse diz respeito a todas as mulheres - não é uma questão de acompanharmos os tempos em que vivemos ...

Este desafio reflecte-se especialmente nas mulheres cristãs. Viver completamente o Kairos é aproximar o horizonte da nossa fé.

Viver plenamente o nosso tempo é viver a construção da eternidade.

("os acontecimentos eram o seu instrumento de trabalho")

A nossa espiritualidade já não pode estar na paróquia.

O contexto da nossa espiritualidade, bem como da nossa teologia, é o mundo inteiro na sua interdependência e complexidade. Evidentemente não é uma questão de estar consciente de tudo simultaneamente. É antes uma consciência dos laços, das relações,

e desafiar a abertura de novos caminhos falando do limiar de diferentes maneiras de ver o mundo, nas fronteiras do que aparece nos discursos oficiais como separado e desligado.

Mas nenhuma contribuição será possível sem um profundo trabalho interior, sobre nós próprias.



Visão espiritual e sabedoria só podem encontrar-se na viagem de cada um ao seu próprio centro.

É essa viagem que faz de nós, a um tempo,

vulneráveis e mais fortes,  
assertivas e humildes,  
utópicas e realistas

Podemos dizer com Marguerite Yourcenar:

"...somos provavelmente nada mais do que cristais através dos quais as correntes passaram.

Tudo vem de muito longe e vai para muito mais longe do que para lá onde vamos.

E sentimo-nos humildes e deslumbrados por sermos penetrados por correntes que nos atravessam e vão mais longe."

Correntes que nos atravessam e vão mais longe do que nós ... chamamos a isto o Espírito de Deus que, através de nós, renova todas as coisas.

Maria de Lourdes Pintasilgo

Bristol, 5 de Setembro de 1991